

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# DINÂMICAS DE INTERACÇÃO CULTURAL NO BRONZE MÉDIO – A CERÂMICA DECORADA DO SÍTIO DA FRAGA DOS CORVOS (MACEDO DE CAVALEIROS) COMO ESTUDO DE CASO

Elsa Luís / Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / elsavluis@gmail.com

## RESUMO

Pretende-se, neste espaço, tomar como ponto de partida de discussão, a colecção de cerâmicas decoradas de inspiração alógena provenientes do Sector A do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) recuperadas nas campanhas de escavação de 2003 a 2011. A identificação de formas e, sobretudo, motivos decorativos semelhantes aos conhecidos para ambientes “Protocogotas” da Meseta Norte, que incorporam o Bronze Médio dessa região, colocou a Fraga dos Corvos na esfera de influências e relações de um “centro” cultural na sua fase formativa. Numa tentativa de aproximação à natureza dessas relações escolheram-se determinados pontos de reflexão: medir distâncias geográficas e definir áreas preferenciais de relacionamento; discutir formas de adopção e de reinterpretação local.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to consider the exogenously inspired decorated pottery ensemble, from Fraga dos Corvos archaeological site Sector A (Macedo de Cavaleiros, Portugal), recovered during the excavation campaigns between 2003 and 2011. The identification of forms and, above all, decorative motifs, similar to the known “Protocogotas” Middle Bronze Age sites of the Northern Meseta, has placed Fraga dos Corvos within the sphere of influences and interactions of a cultural center in its early stages.

Attempting to understand the nature of such associations, several key-points were taken into consideration: delineate and measure the geographical distances, determine their preferential areas of relationship; discuss the local ways of implementation and reinterpretation of foreign traditions.

## O SÍTIO DA FRAGA DOS CORVOS – DESCRIÇÃO SUMÁRIA

O sítio da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 e, no presente, conta com 10 campanhas de escavação e uma extensa bibliografia, pelo que neste espaço apenas o descreveremos de forma sumária. As evidências arqueológicas correspondentes à ocupação do Bronze Médio localizam-se no que se designou de Sector A (sondagens 2 e 3), situado no topo norte do cabeço virado para a bacia de Macedo de Cavaleiros.

Localiza-se administrativamente na freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros,

distrito de Bragança, com as coordenadas: Longitude 99 122,194 e Latitude 203 403,721 GAUSS. (Figura 1)

Trata-se de um sítio de altura (cerca de 870m de altitude) num cabeço destacado da Serra de Bornes com bom domínio visual da paisagem mas, no Bronze Médio, sem recurso a aparelho defensivo. Nas imediações existem vários recursos naturais importantes como duas linhas de água permanente; terrenos agrícolas relativamente férteis no sopé do cabeço; territórios com potencial para a caça (ainda hoje subsistem cervos e javalis na serra, esta última espécie presente na fauna recuperada (Luís, Reprezas & Senna-Martinez, 2012), alguma variedade de ma-

térias-primas rochosas (encontram-se utilizadas no sítio arqueológico o xisto, o quartzo, o granito e algumas variedades de xistos moles – vulgo talco/talcoxisto).

Atendendo à evidência estratigráfica preservada, podemos identificar dois grandes momentos de ocupação do Sector A, que se podem subdividir em fases de construção/reconstrução de estruturas provavelmente habitacionais: um primeiro momento, fundacional, imediatamente acima do afloramento rochoso e aproveitando as suas características, no qual se constroem algumas estruturas com fundações em pedra numa lógica de estruturação do espaço adequada à topografia do terreno, incluindo suportes de contenção de terras devido à forte erosão e ao desnível deste local (Luís, Reprezas & Senna-Martinez, 2012). É aqui frequente encontrar materiais arqueológicos relativamente bem conservados, inclusive fragmentados em conexão. O segundo momento de ocupação apresenta estruturas mais leves, recorrendo a matérias-primas perecíveis que apenas deixaram marcas dos buracos onde teriam sido colocados os postes de suporte. Este segundo momento revela várias fases de reconstrução dessas estruturas sendo que entre cada uma dessas reconstruções se deverá ter procedido a acções de limpeza, já que não encontramos vestígios de estruturas (além de pequenas fossas pouco significativas) – caso tenham existido - e os materiais se encontram muito fragmentados e algo rolados (*Idem*; Reprezas, Senna-Martinez & Luís, 2013). Os materiais não apresentam diferenças significativas de um momento para outro, pois deverão tratar-se de fases sequenciais dentro do Bronze Médio (Luís, 2010; Luís, Reprezas & Senna-Martinez, 2012).

Encontra-se aqui documentada a produção metalúrgica de bronzes binários, sendo hoje possível reconstituir praticamente todos os passos da cadeia operatória da produção (Senna-Martinez *et alli*, 2011). Um dos elementos mais emblemáticos é a presença de dois fragmentos de molde para machados planos de tipo “Bujões”, tradicionalmente associados a este período cronológico (*Idem*; Luís, Reprezas & Senna-Martinez, 2012).

A indústria lítica talhada é pouco expressiva, de carácter expedito, recorrendo exclusivamente a matérias-primas locais. Foram identificados furadores, buris, elementos de foice, raspadores, denticulados, U.A.D.s e entalhes (Matos, 2011).

De destacar ainda a presença de vários artefactos de

pedra polida, em talcoxisto ou outros xistos moles, genericamente de forma paralelepípedica ou subtriangular com uma ou mais perfurações, sem aparente standardização formal, cuja funcionalidade/significado não se encontra ainda esclarecido (Luís, Reprezas & Senna-Martinez, 2012).

## A CERÂMICA DECORADA DE “INFLUÊNCIA PROTOGOTAS” DA FRAGA DOS CORVOS

O conjunto cerâmico total é composto por vários milhares de fragmentos entre os quais bojós, bojós decorados, bordos, bordos decorados, colos, carenas, carenas decoradas, bases, elementos de prensão. Em estudo anterior, que inclui os materiais exumados nas campanhas 2003 a 2008, foram contabilizados 9824 fragmentos dos quais se apurou um mínimo de 493 recipientes e 107 fragmentos decorados (Luís, 2010). Nas campanhas subsequentes foram recuperados mais 103 fragmentos decorados, num total de 210 fragmentos.

Em termos gerais e para não repetir aqui informação já publicada (Luís, 2010; Luís, no prelo), foram identificados motivos impressos a pente (pontilhados) como linhas sequenciais de ponto ou espigas, e motivos isolados (linhas, digitações, bordos denteados). Alguns fragmentos revelaram organizações decorativas mais complexas, com associação da incisão e da impressão, combinando espigas, métopas, retículas nas superfícies externa, interna e parte superior do lábio. A tabela de motivos decorativos não é muito diversificada, para que certamente contribui a presença muito significativa de fragmentos de pequeno tamanho que nem sempre permitem compreender a totalidade do motivo ou, muitas vezes, perceber em que parte da peça se localiza. O conjunto de cerâmicas decoradas de “influência” “protogotas” é formado por 61 fragmentos num total de 210 (cerca de 29%). A este número somam-se alguns recipientes (aparentemente) lisos cujas morfologias se podem igualmente associar às conhecidas para a Meseta Norte – taças de carena média e baixa. Estes motivos estão estruturados em torno da *espiga* (por vezes designada *espinha de peixe*), ou seja, traços incisivos dispostos em V's sequenciais dispostos na horizontal. No conjunto que aqui nos ocupa são colocadas em linhas (uma ou mais) ou em áreas delimitadas por pontilhado (métopas). Frequentemente são colocadas imediatamente abaixo do bordo nos lados exterior e interior;

no topo do lábio e ainda acima da linha de carena ou num cordão plástico. Também frequentes são as *retículas*, linhas incisivas cruzadas que formam uma malha, colocadas em banda abaixo do bordo (mais uma vez nas três faces do recipiente acima mencionadas). Por vezes, estes motivos podem ser realizados com impressão (a punção lateral ou a pente), mas a incisão é definitivamente a técnica preferencial. Existem ainda casos de recipientes que integram motivos incisivos como espigas e retículas com pontilhados em organizações mais complexas. Vestigiais são as técnicas de punção arrastado (*boquique*) – 3 fragmentos – e de excisão – 1 fragmento. (Figura 2)

Quando é possível identificar a forma do recipiente verifica-se a escolha preferencial de formas tipicamente mesetenhas desta época como as taças carenadas, mas também algumas morfologias comuns como taças simples.

Em alguns fragmentos foi possível identificar restos de uma pasta branca que preenche os negativos da decoração (Luís, 2010).

É a combinação destas variáveis – forma; motivos; localização da decoração; técnicas decorativas; pasta branca – que nos permitiu relacionar parte da produção oleira da Fraga dos Corvos com os ambientes culturais da Meseta Norte no Bronze Médio e, por sua vez, permitiu balizar cronologicamente a ocupação do Sector A, à falta de datações absolutas.

#### CERÂMICA “PROCOGOTAS” – CARACTERIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

A cerâmica do designado período formativo de Cogotas I encontra-se, no presente, bem caracterizada por diversos autores (Abarquero Moras, 2005; Rodríguez Marcos, 1993) e pode ser definida, sinteticamente, “*por la escasez o ausencia de motivos excisos y de boquique, y por el predominio de los incisos e impresos: las espigas, reticulados, zig-zags, trazos oblicuos, zonas angulares rellenas de paralelas y algunas líneas incisivas com pequenas ondulaciones. Las composiciones más habituales se distinguen por su sencillez y por una sobriedad relativa; generalmente bandas simples bajo el borde o sobre la carena, abordando también la parte interior del lábio*” (Abarquero Moras, 2005, p. 29-30). Este estilo cerâmico é quase exclusivo no coração da Meseta Norte, e aí também parecem estar as suas datas mais antigas, pelo que, nesse sentido, esta regi-

ão se designa habitualmente de área nuclear, englobando as actuais províncias de Valladolid, Zamora, Salamanca, León, Palencia, Burgos, Segóvia, Sória, Guadalajara e Madrid – esta será igualmente a área nuclear do período subsequente, Cogotas I. A maior concentração de sítios Protocogotas, atendendo à evidência disponível, parece estar na região de Valladolid, na qual se encontram igualmente os primeiros sítios identificados – como, por exemplo, La Plaza em Cogeces del Monte.

Este estilo cerâmico não é, no entanto, exclusivo da mencionada área nuclear. Em várias áreas regionais, em torno no centro mesetenho (no momento “protocogotas”), foram sendo identificados vários sítios com presença destas cerâmicas, quer em tudo muito semelhantes aos protótipos da meseta, quer perfeitamente mesclados e integrados nas tradições oleiras locais. Interessa-nos, aqui neste particular, o norte interior português, área onde se localiza a Fraga dos Corvos.

Nesta região (Trás-os-Montes – Alto Douro; Beira Transmontana) a presença de cerâmicas protocogotas encontra-se comprovada na Fraga dos Corvos, em Macedo de Cavaleiros; no Fumo, em Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 2004) e ainda em Castelo Velho, em Vila Nova de Foz Côa (Pereira, 1999; 2000).

Existe ainda uma referência a materiais do Castelo de Ansiães, em Carrazeda de Ansiães (Lemos, 1988; 1993) que poderão igualmente assemelhar-se aos “protocogotas”.

O maior conjunto é o de Castelo Velho, com 125 fragmentos, e apresenta muitas semelhanças com o já descrito para a Fraga dos Corvos – diferentes tipos de espigas incisivas nas faces externa e interna do recipiente e ainda sobre cordão plástico; sequências de espigas delimitadas por pontos (métopas); e sequências de espigas acima de linhas quebradas de pontos; também apresentam preenchimentos a pasta branca. De destacar a ausência de taças com carenas muito acentuadas (ao contrário da Fraga dos Corvos) (Pereira, 1999). Apesar da grande quantidade de fragmentos identificada, estas cerâmicas em Castelo Velho são minoritárias, a excepção, e não uma das partes mais representativas do conjunto (*Idem*).

No Fumo, a presença destas cerâmicas é pouco significativa dentro da esfera dos decorados (Carvalho, 2004).

## PENSAR DISTÂNCIAS E VIAS DE CONTACTO

Olhando para a implantação geográfica destes sítios em território hoje português, verifica-se que o elo entre eles é a rede fluvial; rede essa que é também uma das portas de acesso privilegiado ao interior da meseta – falamos obviamente da bacia hidrográfica do Douro. Assim, e caso a caso, a Fraga dos Corvos está muito próxima do rio Azibo, afluente do rio Sabor e, por sua vez, afluente do Douro; Castelo Velho e Fumo muito próximos do Côa, afluente do Douro; e, se o pudermos considerar, Castelo de Ansiães, perto do Tua, também afluente do Douro. O rio seria um corredor de entrada e contacto com a meseta, nomeadamente com a área de Zamora.

Esta região apresenta alguns sítios desta cronologia embora se concentrem na zona centro e Este da província “*dejando el sector occidental prácticamente en blanco*” (Abarquero, 2005, p. 96). No entanto, e apesar dos vários sítios identificados, a informação disponível sobre eles e, concretamente, a sua cultura material, tende a ser escassa ou insuficiente, na medida em que se trata de recolhas/identificações antigas e de poucos contextos escavados, o que nos dificulta o processo de comparações directas entre regiões. De destacar, neste particular, o sítio de Los Verdiales (Madridejos) que apresenta “*bandas horizontales y de zig-zag rellenas de puntillado ancho y espaciado y circuitos estampados ocupando toda la superficie externa – como también resulta original la presencia de formas profundas de tendencia globular*” (*Idem*, p. 96-97), ou seja, apresentando aqui ténues diferenças em relação aos sítios clássicos de Valladolid, nomeadamente na maior representatividade do pontilhado e a presença de impressões circulares – ambos documentados na Fraga dos Corvos e em Castelo Velho (Pereira, 1999).

No entanto, recente publicação de Fabián García (2012) permite repensar esta questão. Este autor define dois subgrupos decorativos dentro da zona sudoeste da Meseta Norte – “grupo La Corvera/El Tranco del Diablo” e “grupo Valle Amblés/Valle del Duero” (*Idem*, p. 327). O primeiro destes apresenta notórias semelhanças decorativas com a Fraga dos Corvos sobretudo no que diz respeito à utilização de pontilhados em convívio com os motivos incisos (*Idem*, Figuras 3, 4, 5 e 7). Os três sítios que compõem este grupo - La Corvera (Béjar); El Tranco del Diablo (Béjar) e Cancho Enamorado (Salamanca) – situam-se na província de Salamanca, e, até agora,

parecem constituir os “paralelos” mais próximos para o nosso conjunto transmontano (e, provavelmente também Castelo Velho). Neste sentido, e se esta for realmente a “área de contacto preferencial” há que equacionar novas vias de circulação.

A presença de cerâmicas com afinidades protocogotas na Fraga dos Corvos remeteu-nos imediatamente para o grande bloco de sítios conhecido e genericamente situados na área nuclear – permitindo um enquadramento cronológico e enunciando contactos virados a Este. Afinando a comparação de estilos cerâmicos a linha de contacto parece ser a sudeste de Macedo de Cavaleiros, ligando-se a um subgrupo decorativo dentro da própria “área nuclear”.

Assim sendo, o eixo do Douro pode não ser, afinal e neste caso, a via preferencial de contacto. Se assumirmos uma via Norte/sul entre a Fraga dos Corvos e Castelo Velho e a “entrada” na Meseta já na Beira Transmontana ou mais a sul poderemos tecer outro tipo de considerações. Recentemente foi proposta uma “rota” de circulação interior através do corredor do Côa, marcada pelas estátuas-menir armadas, que o autor defende tratar-se de uma via de circulação de estanho e do conhecimento necessário ao fabrico dos primeiros bronzes, que iria desde Ourense à zona do Fundão (Senna-Martinez, 2013, no prelo). Neste sentido a integração da Fraga dos Corvos, onde esta metalurgia se encontra atestada, nesta “rota” poderá explicar a presença de cerâmicas tão semelhantes com as da área de Salamanca. Mais corrobora esta proposta a proximidade de uma estátua-menir armada de espada e alabarda, a de Valdefuentes de Sangusín, a cerca de 7 km do sítio de La Corvera (Fabián García, 2012, p. 340).

Esta correlação entre as cerâmicas decoradas da Fraga dos Corvos e as da área salmantina encontra-se igualmente comprovada para o Bronze Final/inícios da Idade do Ferro (Reprezas, 2013; Senna-Martinez, no prelo), indicando a manutenção de uma zona preferencial de contactos e provavelmente a utilização continuada de vias de passagem e circulação.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Este trabalho pretende apenas constituir um ensaio de integração da ocupação do Bronze Médio da Fraga dos Corvos nas dinâmicas de interacção inter-regional suas contemporâneas. O tema não se encontra aqui esgotado, pelo contrário, parece-nos que,

à luz destes dados, muito ainda ficará por indagar e por construir. Foi assim objectivo deste pequeno texto edificar algumas bases de trabalho.

A Fraga dos Corvos, no Bronze Médio, encontra-se perfeitamente integrada nos circuitos de comunicação da época – produz localmente artefactos metálicos incluídos no que tradicionalmente se considera de metalurgia atlântica, ao mesmo tempo que revela fortes afinidades com um dos “centros culturais” peninsulares, a Meseta Norte. Parece-nos, ainda, que estes dois traços poderão estar interligados e fazer parte de uma estrutura única, produzir-se-á metal para circular (oferecer, trocar...) e produz-se cerâmica na qual se imprimem os símbolos de quem se convive nos circuitos comuns à metalurgia – para consumo próprio é certo, mas também para acções de convívio e fortalecimento de relações (como sugere Abarquero, 2012, p. 97). Seja de que maneira for, e quais forem na realidade as dinâmicas de relação cultural entre estas comunidades, podemos afirmar com segurança que são traços de longa duração no tempo, numa tradição de relacionamentos que chegará às portas da Idade do Ferro.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de investigação foi efectuado no âmbito do projecto EARLYMETAL financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008). A autora agrade à Fundação para a Ciência e Tecnologia a bolsa individual SFRH/BD/72369/2010; ao Dr. Cláudio Pereira e ao Prof. Doutor J. C. Senna-Martinez pela revisão final do texto.

## BIBLIOGRAFIA

ABARQUERO MORAS, F. J. (2005) – *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Arqueología de Castilla y León, 4.

ABARQUERO MORAS, F. J. (2012) – *Cogotas I más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la Edad del Bronce Peninsular*. In: RODRÍGUEZ MARCOS, J.; FÉRNANDEZ MANZANO, J. (eds.), *Cogotas I, una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidade de Valladolid, p. 59-110.

ARRANZ MINGUÉZ, J.; GÓMEZ PÉREZ, A.; SÁNCHEZ S.; BELLIDO BLANCO, A. (1993) – *El Teso de La Macañorra (Geria, Valladolid), un poblado de la Edad del Bronce en la cuenca media del Duero*. *Numantia, Arqueología de Castilla y León*, 4, p. 75-92.

CARVALHO, A. F. (2004) – *O Povoado do Fumo (Alameda, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7-1, p. 185-219.

FABIÁN GARCÍA, J. (2012) – *Proto-Cogotas I en el suroeste de la Meseta Norte. Dos facies alfareras en territorios inmediatos*. In: RODRÍGUEZ MARCOS, J.; FÉRNANDEZ MANZANO, J. (eds.), *Cogotas I, una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidade de Valladolid, p. 323-348.

GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. (1984-85) – *Proto-Cogotas I o el bronce medio de la Meseta: la Gravera de “Puente Viejo” (Ávila)*. *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, p. 267-276.

JIMENO-MARTÍNEZ, A. (1984) – *Los Tolmos de Caracena (Soria) (Campañas de 1977, 1978 y 1979)*. *Nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en la zona del Alto Duero*. Excavaciones Arqueológicas en España, Ministerio de la Cultura.

LE MOS, F. S. (1988) – *Notícia preliminar das sondagens realizadas em 1987 na vila fortificada de Ansiães*. *Cadernos de Arqueologia*, série II, 5, p. 51-64.

LE MOS, F. S. (1993) – *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento na especialidade de Pré-História e História da Antiguidade apresentada à Universidade do Minho. 3 Vols. Policopiado.

LUÍS, E. (2010) – *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto cerâmico da sondagem 2 do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LUÍS, E. (no prelo) – *Fraga dos Corvos habitat site, Sector A (Macedo de Cavaleiros, Portugal): the ceramic industry in the context of Northern Portugal’s Bronze Age*. *Actas das I Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero*. Zamora, Outubro 2011.

LUÍS, E.; REPREZAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2012) – *A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) / A campanha 9 (2011)*. Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – 1ª Idade do bronze / Bronze Final? *Cadernos Terras Quentes*, 9, p. 15-53.

MATOS, D. (2011) – *A Exploração do Quartzo e do Xisto: a indústria lítica do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. *Cadernos Terras Quentes*, 8, p. 47-54.

PEREIRA, L. (1999) – *As Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. *Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

PEREIRA, L. (2000) – *As cerâmicas “Cogeces de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. *Côavisão*, 2, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

REPREZAS, J. (2013) – Existe uma I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 123-128.

REPREZAS, J., SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2013) - Resultados preliminares da campanha 10 (2012) no sítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) – os sectores A & M. *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 75-88.

RODRÍGUEZ MARCOS, A.; ABARQUERO MORAS, F. (1994) – Intervención arqueológica en el yacimiento de la Edad del Bronce “El Cementerio – El Prado”, Quintanilla de Onésimo (Valladolid). *Numantia, Arqueología de Castilla y León*, 5, p. 33-57.

RODRÍGUEZ MARCOS, A. (1993) – “El Carrizal” (Cogeces del Monte, Valladolid): un nuevo yacimiento de fácies Proto/Cogotas I. *Numantia, Arqueología de Castilla y León*, 4, p. 61-74.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011) – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. In: MARTINS, C. B.; BETTENCOURT, A. M.S.; MARTINS, J.I.F.P.; CARVALHO, J. (eds.), *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe*. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010. Braga: CITCEM, APEQ, FEUP, p.381-394.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2013) – Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. *CIRA Arqueologia*. 2.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (no prelo) – Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal.

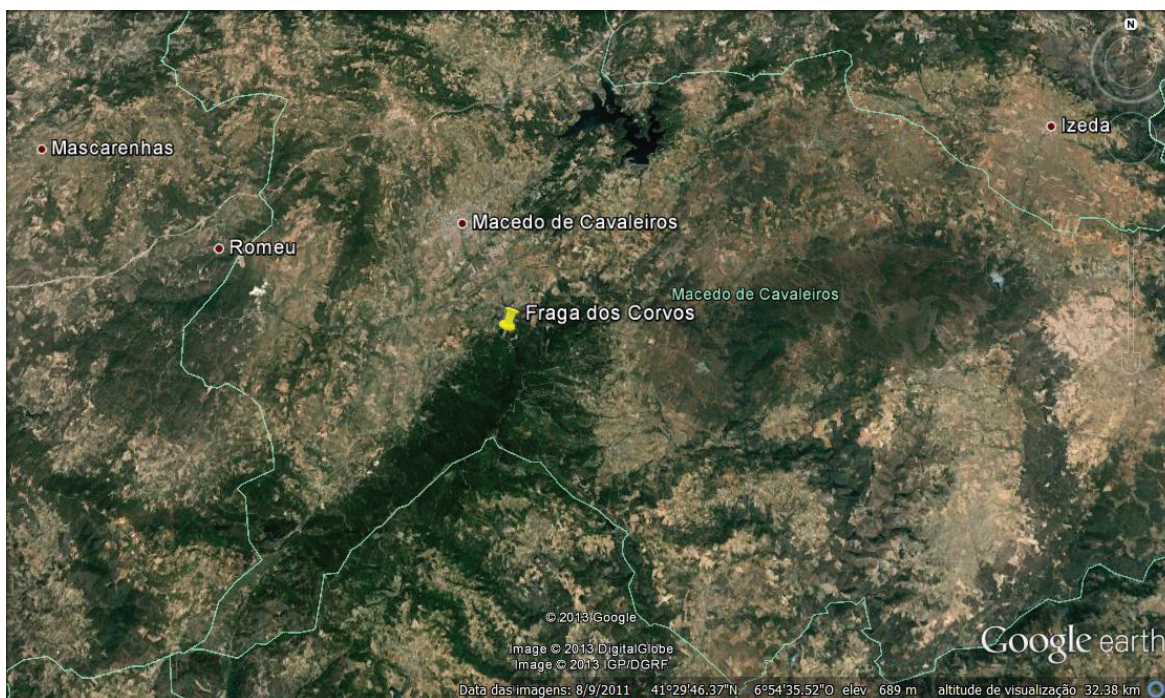


Figura 1 – Localização do sítio da Fraga dos Corvos (vista Google Earth).

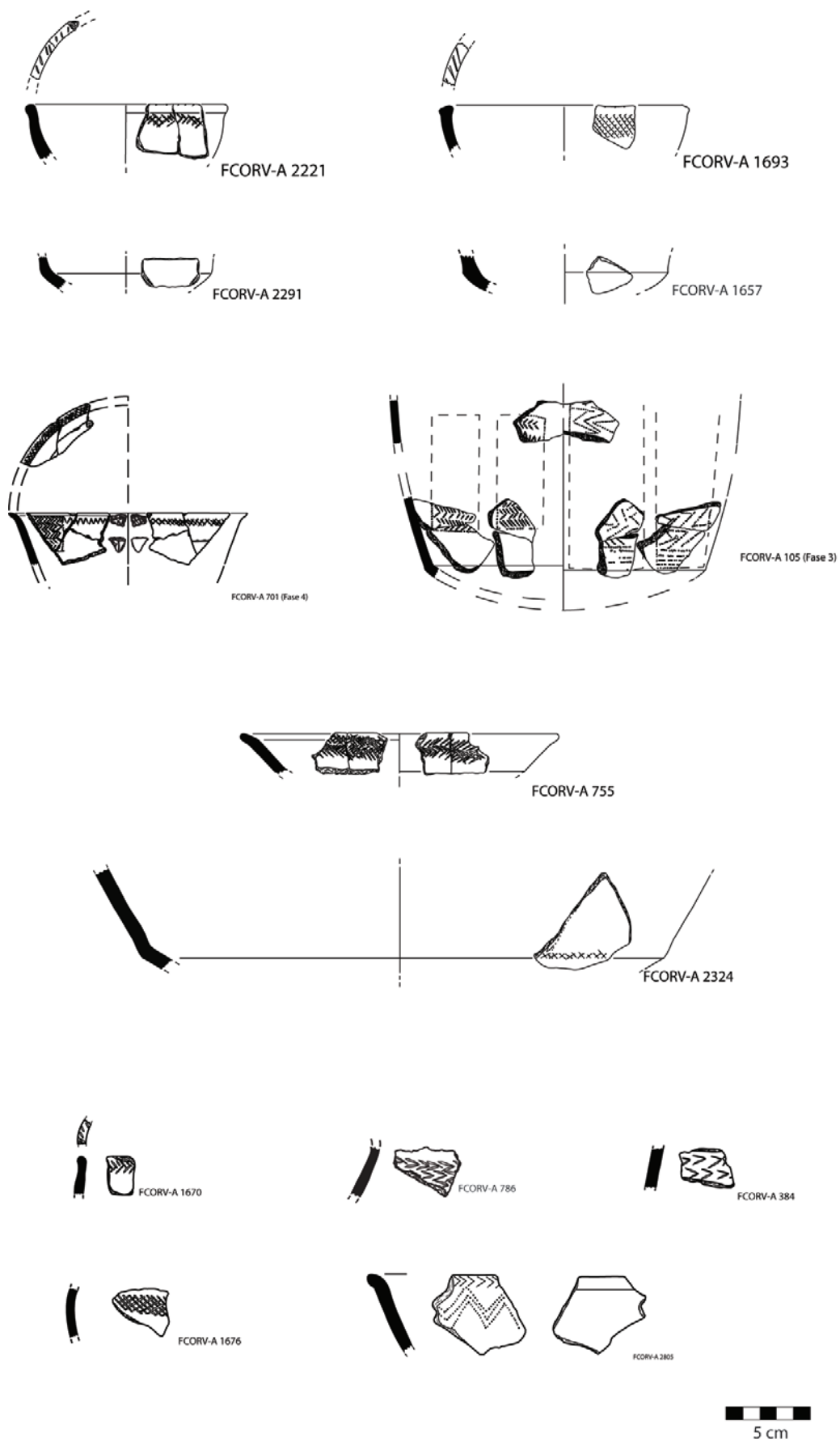


Figura 2 – Materiais “protocogotas” do Sector A, Fraga dos Corvos.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua